



A INTEGRAÇÃO DO NEGRO NA FILOSOFIA DE CLASSES

THE INTEGRATION OF THE BLACK MAN IN THE PHILOSOPHY

Antonio Carlos ESTENDER¹

Oswaldo José da SILVA²

Resumo: O foco deste artigo é apresentar uma reflexão acerca da filosofia, a partir do escopo da etnia negra no Brasil, bem como incorporar a essa reflexão, a dimensão das recentes transformações do mundo nas áreas da economia, do mercado e do comportamento. Nota-se que há um elemento novo na economia da sociedade globalizada, a partir de uma nova forma de refletir, podemos caracterizar e nomear essa nova dimensão de integração racial.

Palavras-chave: Responsabilidade Social. Filosofia. Ética. Ação Social.

Abstract: *This paper aims to present philosophy, the black people and the dissemination of philosophical concepts involved in a project which aims to rethink about black people in relation to many varied lines of thought. This is a new element in society. It is necessary to take some strategies focusing on a defined project, centred in the clients, the economy and the market.*

Keywords: *Social Responsibility. Philosophy. Ethics. Social Action.*

HÁ UMA FILOSOFIA AFRO-BRASILEIRA?

Falar em filosofia afro-brasileira por si só já é uma provocação, visto que significa romper padrões e valores preestabelecidos. No campo da tradição do pensar filosófico ocidental em que a História da Filosofia é vista de maneira linear, ou percebida através do pensar da humanidade na história (Filosofia da História), encontramos um modelo em que a especificidade do ser negro não é contemplada.

A primeira oposição que encontramos é a de que a filosofia não é específico de uma etnia, ou classe social. A filosofia seria o próprio pensar do homem universal, elaborada por diferentes civilizações, em momentos diferentes, e cultivada por vários povos sob diferentes paradigmas, mas sempre com a preocupação do “amor ao saber”, do desenvolvimento da ciência e, sobretudo,

de revelar ao homem a certeza de seu constante processo evolutivo. Mas, afinal, de qual filosofia estamos falando?

A filosofia como afirmação da civilização ocidental

O estudo da filosofia no Ocidente remete à Grécia do século VI a.C. Segundo esse modelo, teria sido na Grécia que se processou a passagem do pensamento mítico para o pensar racional.

A figura alegórica mais difundida é que na mitologia grega o homem compreende o mundo segundo uma visão natural. Para cada fenômeno da natureza haveria um deus grego correspondente, a explicação para fatos e fenômenos estaria diretamente ligada a um modelo exemplar criado a partir do que poderíamos creditar nos dias atuais ao senso comum.

¹Mestre em Administração; especialista em Comunicação, Marketing, Administração Hoteleira, Educação e Administração em Negócios; professor da UnG, Unipalmarens, Fundetec e Unimes. estender@uol.com.br.

²Especialista em Ciência Política; graduado em Filosofia e Economia; professor universitário; membro da OnG Atabaque. kayona@uol.com.br



Os primeiros pensadores a romper com esse modelo teriam sido os filósofos denominados pré-socráticos (chamados assim por estarem cronologicamente situados antes de Sócrates), a partir de uma nova cosmologia (visão de mundo), fundamentada nos quatro elementos naturais: fogo, terra, água e ar. Estabeleceram uma leitura racional do universo, dos fenômenos naturais e sociais, como também da própria noção de ser homem.

Alguns autores dessa escola de pensamento são: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Pitágoras, Heráclito, Parmênides e Zenão.

O momento posterior é compreendido como a configuração da primeira experiência do saber sistematizado: Sócrates, a virtude da razão; Platão, a contemplação das idéias e Aristóteles com as categorias para nomear o mundo.

O período compreendido como medieval (Idade Média) encontrará em seus monges e lógicos a tentativa de assegurar o uso da razão como leitura do homem e do mundo. Boécio, Anselmo, Santo Agostinho, Pedro Abelardo e Santo Tomás de Aquino são alguns representantes desse quadro filosófico. Entretanto, a via religiosa, por intermédio da fé, já teria como pressuposto a garantia da verdade revelada.

Na modernidade (século XVI), René Descartes e Francis Bacon, inauguram uma nova forma de se fazer filosofia. Retomando o uso da razão como o faziam os pensadores gregos, considerando-a absoluta para a compreensão do homem e do universo, procuraram romper com o modelo medieval e abrir uma nova ordem para um novo mundo racional.

O pensamento filosófico contemporâneo, como filho dileto do pensamento moderno, hoje vivendo o limite das crises sociais apontadas por filósofos do pensamento político, tais como John Locke, Thomas Hobbes, J. J. Rousseau e Karl Marx vivem o dilema da crise da razão, implodida por Heidegger, Sartre, Foucault, Hannah, Arendt e autores da Escola de Frankfurt.

Onde está o negro neste modelo filosófico?

Podemos considerar que um dos fatores que contribuíram consideravelmente para a crise da razão contemporânea foi a negação do particular, o negro, a favor do universal, o branco. Negação aqui no sentido de exclusão e de não ser. O negro não pode – é escravo; o

negro não tem -- racismo; o negro não é – preconceito.

Considerando a história do Brasil, observamos que quem aqui estava antes de 1500, o índio, sob o critério do branco colonizador, não existia enquanto ser humano. No Brasil Império e Republicano, busca-se no negro o que o homem grego encontrou no escravo: um não ser presente. Presente somente para proporcionar ao branco um mundo de riqueza pela exploração do trabalho. E se trabalho é um “tripalium”, tortura, sacrifício; então, não é para aquele que é homem branco, que pensa; elabora; dá sentido à história, ciência e ao mundo.

Ao negro cabe ser visto e o negro também deve se ver, não como o elaborador, mas como aquele que é elaborado a partir do mundo do branco.

Quando o negro toma conhecimento dessa visão de mundo e passa a questionar seus pressupostos, abrem-se pistas para a elaboração de uma filosofia original e afro-brasileira e ocorre uma reflexão alternativa, pois o negro na sociedade brasileira, colocado na marginalidade, desenvolveu um pensar alternativo, que não aparece no mundo do conhecimento dos brancos.

O paradigma filosófico criado pela civilização negra no Brasil não foi sistematizado pela lógica racional de matriz européia e americana. Cabe aos pensadores negros ocupar os espaços fracionados em uma visão de mundo pseudo-hegemônica e expor uma nova cosmologia neste momento de transformações de valores econômicos, políticos e sociais. Como, por exemplo, faz Martin Bernal (1987) ao questionar o paradigma grego de nascimento da filosofia sem considerar a contribuição africana.

A filosofia idealista de Platão (apud Marcondes, 2002) teoriza que vivemos em um mundo de aparências e transitoriedade, e que deveríamos transcender esse mundo para chegar ao mundo das idéias, em que não há instabilidade por não haver acontecimentos (e por isso não há também tempo, que é a sucessão dos acontecimentos no mundo). A lógica do mundo das idéias independe do mundo sensível em que vivemos; apesar disso, esses dois mundos guardam algumas relações:

Hierárquica: o mundo das idéias é melhor do que o mundo sensível, a constante insatisfação proporcionada pelo nosso mundo massificado e consumista faz com que busquemos sempre atingir o outro mundo onde a singularidade de cada um seja respeitada.



As imperfeições do mundo sensível são indicativas das formas perfeitas existentes no mundo das idéias. Tudo o que se contempla aqui tem seu par melhorado no mundo das idéias (por isso, no mito da caverna enxerga-se apenas a sombra do que existe do lado de fora). Segundo Platão, apud Marcondes, 2002, o homem está condenado a ver apenas as sombras no mundo sensível, mas isso não impede que ele tente encontrar as formas perfeitas.

A vida é bem-sucedida para um sujeito quando ele a percebe assim que o mundo sensível é imperfeito, mas indicativo de perfeição. A vida humana jamais será ideal, mas a boa vida é a que tende a buscar a perfeição e simulá-la (simulacro platônico – viver dentro da caverna, mas simular a transcendência). A vida que vale a pena pressupõe a percepção do mundo das idéias.

Aristóteles apud Marcondes, 2002, leitor de Platão, filósofo teleológico (teles = final), ao desenvolver o pensamento “finalista”, influencia a origem dos dogmas do positivismo e do funcionalismo. A teoria aristotélica afirma que tudo o que é tem uma finalidade pré-existente em relação ao ser que vai realizá-la. O homem não é causa da finalidade; ele é causado por ela.

A organização das finalidades é denominada cosmos. Se as finalidades fossem cumpridas corretamente, o Universo estaria em ordem; é preciso descobrir as falhas no cosmos, e então estará descoberta a finalidade de se estar no mundo. Cada pessoa tem uma finalidade diferente, mas todas as finalidades têm algo em comum, por serem todas concernentes aos seres humanos.

O que há de comum nas finalidades humanas é a eudaimonia (bem supremo / finalidade última). É o fim último de tudo o que se faz. Alguns filósofos chamam a eudaimonia de felicidade, mas esta não está à altura do bem supremo. A resposta sobre como alcançar a plenitude está no cosmos, e é preciso estar ciente da existência do mundo das idéias para se conhecer essa resposta.

Tomás de Aquino apud Marcondes, 2002, leitor de Aristóteles, utiliza a teoria finalista aristotélica, mas substitui o cosmos por Deus: Há uma missão para cada pessoa, mas para conhecer a sua, é preciso ter fé e conversar com Deus: não necessariamente estudar a Matemática (como Platão) ou as Ciências Naturais (como Aristóteles). Aquino aponta a fé como o mais importante dos atributos para se chegar ao mundo das idéias, enquanto os gregos primavam pela razão.

Os três gabaritos para a vida bem-sucedida

apontados anteriormente não estão na vida, mas fora dela, pois não são produzidos pelo homem.

Thomas Morus, em *A Utopia* [o não-lugar], afirma que a vida que vale a pena é aquela que busca um mundo melhor, sem ser necessário, para isso, sair do mundo sensível. No entanto, a sociedade sem classes projetada em sua obra está tão fora da vida quanto o mundo das idéias. Atualmente, o padrão de vida bem-sucedida é o que se chama qualidade de vida, que é uma ideologia, e como tal, totalitária. O fato de o ser humano estar em constante transição anula todos os gabaritos formulados para a vida bem-sucedida, pois cada homem é único e possui afetos singulares.

Segundo Friedrich Nietzsche apud Marcondes, 2002, a moral é uma atividade da razão (reflexão) com objeto específico: o comportamento humano (a práxis). Moral não é algo que se possui, pois não tem substância.

Nem todas as reflexões estão no domínio da moral. Só interessa à moral o pensamento sobre o próprio comportamento; o pensamento sobre o comportamento do outro é denominado moralismo. A reflexão moral pode ocorrer antes, durante ou depois da ação, e não pode ser executada sob repressão, pois requer livre deliberação e mais de uma possibilidade de ação. O senso comum deformou o conceito de moral, e o alia sempre à limitação e à coação. Moral demanda também atribuição de valor.

SUCESSO MORAL

O conceito de ética faz parte da filosofia moral, e os dois termos são etimologicamente semelhantes. Ethos, em grego, significa costume. Ética, na origem, significava hábito, e não tinha relação com atribuição de valor. Mor, em latim, também significava costume. Os conceitos foram recriados e atualmente, ética é uma reflexão dos princípios, enquanto a moral é uma ação pela tradição.

A reflexão moral não é hipotética, ela só pode ser feita em situação concreta de existência, ao passo que a ética é uma projeção que pode ser ajustada a um grupo de pessoas, como os funcionários de uma empresa (é uma teoria das decisões morais). A moral e a ética nem sempre coincidem.

A vida que vale a pena ser vivida está além da moral; então, refletir sobre nosso comportamento é



o início da percepção dos problemas existenciais. De acordo com Nietzsche (2001), pensar sobre a vida não resolve os problemas da vida, pois a vida não é para ser teorizada, e sim vivida. Não é possível que o pensamento coincida com o mundo ideal, pois o instante da existência não tem duração. Só é possível pensar no mundo antes ou depois da existência, mas nunca no presente, pois somos uma constante transformação de afetos.

O que inscreve o homem no mundo não é a reflexão, mas sim a potência vital. A oscilação das vontades de potência provoca a consciência (que está à deriva, e é consequência de sucessivos encontros com o mundo).

Blaise Pascal, em sua obra *Pensamentos*, afirma que o homem reflete sobre tempos que não são os dele (o passado e o futuro). Quando o pensamento recai sobre o presente, ele é visto como instrumento para o futuro. Outro problema apontado por Pascal é a linguagem, que pressupõe uma permanência não existente no mundo, e desrespeita o trânsito dos afetos.

A transcendência não é um produto humano. O homem pode estudá-la em todos os tempos, pois ela sempre esteve no mundo, mas tudo o que o homem produz é imanente.

De acordo com Nietzsche (2003), todas as pesquisas sobre a transcendência são inúteis, pois o homem não pode almejar viver além da vida. O mundo das idéias (Platão), o cosmos (Aristóteles), a vontade de Deus (cristianismo) e as sociedades sem classe (Thomas Morus) são construções da humanidade, que atendem às conveniências de grupos dominantes.

Sobre o mundo das idéias, que Platão disse apenas ter descoberto e não inventado – atestando, com isso, a transcendência –, Nietzsche (2003) diz que o fato de ser baseado no mundo sensível faz dele uma produção humana. Ao ter “descoberto” o mundo das idéias, Platão destituiu de interesse sua descoberta, pois ela teria se imposto a ele, ao passo que uma invenção seria feita a partir do interesse. Pelo mesmo motivo, a Igreja afirma existir um deus transcendente.

PARA ALÉM DAS INSTITUIÇÕES

A escola e a Igreja são as instâncias máximas de castração e dominação, em que as vontades dos dominantes são assumidas como absolutas e indiscutíveis. Mas nada é, a priori, bom. As coisas só são boas quando

causam alegria a quem age e a quem recebe a ação. No entanto, a dominação em nome da transcendência faz com que os homens cedam a vontades que não são as suas. Nietzsche (2003) considera os defensores da transcendência moribundos, pois eles desprezam a vida em nome do que está além dela; segundo sua filosofia, o valor da vida está no instante.

O mundo é um maremoto de potências em conflito, já que os apetites de cada homem são incompatíveis com os dos demais. A vida que vale a pena, segundo Nietzsche, é a vida intensa. Luc Ferry (2006), em *O que é uma Vida Bem-Sucedida?* afirma que, para Nietzsche, o importante é o êxito, independentemente da atividade exercida. Isso não corresponde à verdade da teoria nietzschiana, pois o sucesso é uma convenção social, e persegui-lo seria colocar a vida à disposição do que a sociedade quer.

Em Nietzsche (2003), a vida é uma sucessão de instantes, e cada um dos instantes deve ser esgotado em si mesmo. O passado pode ser reproduzido pela memória, e o futuro pode ser projetado, mas a produção se dá sempre no presente e cada afeto não pode ser repetido, pois nossas emoções estão em trânsito constante e somos aderidos inexoravelmente ao instante vivido.

Antes de Nietzsche (2001), a filosofia pregava que o homem vivia em estado de natureza, e todos lutavam contra todos. Com medo da morte violenta, o homem criou o Estado e passou a viver de forma civilizada. Nessa nova vida, o conflito não é a regra, e punições são criadas para aqueles que desobedecem às normas da vida civilizada. No entanto, ainda que os homens vivam em sociedades “civilizadas”, continua triunfando a lei do mais forte, com a diferença de que nessas sociedades os dominados aceitam sua situação.

O valor da vida está na própria vida, então ele nada tem a ver com as consequências derivadas da conduta. Convenções e gabaritos sobre a vida que vale a pena ser vivida fazem com que nenhum tipo de conduta passe ileso pelas questões relacionadas ao “certo” e ao “errado”.

O pensamento sobre o eterno retorno, de Nietzsche (2003), explica que, sem a existência da transcendência e do além, é na vida que se tem de fazer a distinção entre o que deve ou não ser vivido. Precisamos reaprender a viver, pois fomos criados de maneira a desprezarmos o corpo – que, segundo Nietzsche, é tudo o que realmente importa na vida.



A solução nietzschiana para a vida bem-sucedida é mais aberta do que para a maioria dos filósofos, pois, como o homem é um constante trânsito de afetos, não há recurso que perdue. Mesmo assim, o homem trabalha arduamente no sentido de eliminar o inédito de sua vida – ele tenta categorizar o mundo, e inserir o novo nas velhas classificações que, na maioria dos casos, não o abrangem adequadamente e o apequenam.

O eterno retorno é o critério de seleção utilizado na distinção do que vale a pena ser vivido. As ações devem ocorrer de maneira que não se queira parar de repeti-las no momento em que são praticadas, sejam elas quais forem.

Reaprender a viver é conhecer a si mesmo a ponto de saber quais situações de existência são as mais propícias a trazer intensidade à vida. Quando se vive intensamente, o tempo não exerce nenhuma influência nas ações, pois o desejo de eternidade é evidente. Perceber a passagem do tempo significa não viver exaustivamente o presente.

Quando se aprende a viver, o próximo passo é o posicionamento firme, para que o mundo não imponha convenções, e impeça o afloramento da potência vital.

Ao contrário do que afirma a teoria aristotélica – o mundo é um todo ordenado de finalidades –, Nietzsche (2001) diz que não há ordem estabelecida, e que a própria vida é determinada pelo caos. Aristóteles denominava potência a possibilidade de agir, enquanto Nietzsche responsabiliza a potência pelos eventos do mundo (a potência é a própria ação).

SUPERAR CONFLITOS DE CLASSES E ÉTNICO

Em Ética, Espinosa (1983) afirma que tudo o que há no mundo é um esforço de preservação no ser (as coisas não são automaticamente, elas trabalham para continuar sendo); o esforço determina a essência das coisas.

A alma espinosiana é o intelecto. Os apetites (inclinações do corpo em direção ao que se deseja do mundo) são diferentes dos desejos, pois os desejos são apetites conscientes (é quando se sabe para onde está voltada a energia vital). Os apetites apenas fazem parte do homem, mas não têm objeto definido. Existe também a vontade, que é a energia em direção a um objeto cujo valor está socialmente definido; é o elemento civilizatório

do desejo. A fronteira entre o desejo e a vontade é a moral.

Nietzsche (2001) classifica as potências vitais em forças ativas e forças reativas. A força ativa é a ação intensa, que revela a potência de quem age. Não é dependente de técnica, mas apenas da intensidade com que a ação é praticada, seja ela qual for. A força reativa tem como finalidade enfrentar ou diminuir manifestações oriundas de forças ativas. Só tem sentido como redutora de potência da ação do outro. Nietzsche questiona a democracia, para a qual todos os homens são iguais perante a lei; pois ela anularia a potência do mais forte e as diferenças essenciais entre os homens.

A divisão das forças é baseada no que elas ensejam da manifestação humana:

- A manifestação potente é ativa (em função de si mesmo);
- A manifestação opositiva é reativa (em função do outro).

Segundo Marcondes (2002), Nietzsche e Marx concordam quando dizem ser a moral uma produção dos homens com intenção de dominar os outros homens. A divergência ocorre pelo fato de que, para Marx, a moral é estabelecida pelo forte, enquanto Nietzsche afirma que é uma criação dos fracos, pois os fortes não precisariam de regras.

Segundo o filósofo francês Gilles Deleuze apud Marcondes, 2002, o desejo é revolucionário. As manifestações desejantes organizam o mundo (quando alguém tem um desejo, o mundo configura-se de maneira a torná-lo assimilável). Todo desejo passa pelo crivo social, por isso não há como entender o desejo de alguém sem entender o desejo da sociedade.

PISTAS PARA UMA FILOSOFIA AFRO-BRASILEIRA

A Integração do Negro na Filosofia de Classes

Esse contexto, relegar o negro apenas à figura de resistência seria empobrecer a vida gerada por ele decorrente de sua presença no Brasil. O pensar negro na formação da identidade do brasileiro é uma marca



impregnada nas entranhas da formação social do nosso povo.

O negro com a cabeça de negro, o branco com a cabeça de branco, convivendo em um mesmo espaço geográfico, histórico e social, foi fator determinante para a formação de um novo ser que, enraizado nesta terra dialeticamente, está reelaborando uma cosmologia singular, e ao mesmo tempo plural, no contexto filosófico da tradição ocidental.

Frente à crise da razão contemporânea, quando as forças sociais visibilizadas na generalidade do povo parecem ter perdido sua identidade; já se torna possível ler no espírito da história (Hegel) que novos personagens advêm, e com novas idéias. Se ficarmos cristalizados na lógica do sistema até então vigente, não conseguiremos aproveitar as brechas do sistema lógico ocidental.

A identidade negra no Brasil foi forjada, criada, nas situações mais adversas da história; portanto, pensar com novos paradigmas não significa excluir o branco, ao contrário, pensar com categorias alternativas é pensar exatamente em novo processo cosmológico de inclusão de todo ser, é viver em harmonia com a natureza como os afro-descendentes sempre fizeram, é preservar o planeta, é valorizar a vida.

Nessas primeiras pistas, podemos desvelar a integração do negro na filosofia para além das classes sociais e do monopólio do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNAL, M. **Black Athena: the afroasiatic roots of classical antiquity.** New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

ESPINOSA, B. “**Livro III**”, in: *Ética*. São Paulo: Abril, 1983. (Coleção Os Pensadores).

FERRY, L. **Aprender a viver.** São Paulo: Atlas, 2006.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MORUS, T. **Utopia.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica.** São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. **Além do bem e do mal.** São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

PASCAL, B. “**Pensamentos**”, Im: Pascal, B. São Paulo: Abril, 1983. (Coleção Os Pensadores).